

SÃO CROMÁCIO DE AQUILEIA



ANTOLOGIA

FONTE DO TEXTO

ecclesia.org.br

Imagem da Capa

nsdagloria.com.br

1. «A casa encheu-se com o perfume do bálsamo»

Depois de ter ungido os pés do Senhor, esta mulher não os limpou com uma toalha, mas com os próprios cabelos, para melhor honrar o Senhor. [...] Qual homem sedento que bebe de uma fonte que cai em cascata, também esta mulher bebeu da fonte da santidade uma graça cheia de delícias, para saciar a fome da sua fé.

No sentido alegórico ou místico, porém, esta mulher prefigurava a Igreja, que ofereceu a Cristo a devoção plena e total da sua fé. [...] Uma libra são doze onças; e tal é a medida do perfume que a Igreja recebeu, como perfume precioso, dos ensinamentos dos doze apóstolos. Com efeito, não há nada mais precioso como os ensinamentos dos apóstolos, que contêm a fé em Cristo e a glória do Reino dos Céus. Além disso, diz o Evangelho que a casa se encheu com a fragrância deste perfume, porque o mundo se encheu com os ensinamentos dos apóstolos: «por toda a Terra caminha o seu eco, até aos confins do Universo a sua palavra» (Sl 8,5).

O Cântico dos Cânticos oferece-nos as palavras que Salomão põe na boca da Igreja: «O teu nome é como perfume derramado» (Cant 1,3). É com razão que o nome do Senhor é designado por «perfume derramado»: como sabeis, enquanto permanece dentro do recipiente, o perfume conserva em si a força da sua fragrância; mas, quando é derramado, difunde essa fragrância. Da mesma maneira, enquanto reinava no Céu com o Pai, o nosso Senhor e Salvador era ignorado pelo mundo, era desconhecido neste mundo. Mas quando, pela nossa salvação, Se dignou humilhar-Se, descendo do Céu para tomar um corpo humano, nessa altura, difundiu por todo o mundo a doçura e o perfume do seu nome.

São Cromácio de Aquileia (?-407)

Sermão 11

2. «O servo não é mais do que o seu senhor»

«Despiram-n'O e envolveram-n'O num manto escarlate. Tecendo uma coroa de espinhos, puseram-Lha na cabeça» (Mt 27,28-29). Foi como rei que Cristo foi revestido duma túnica vermelha, e como príncipe dos mártires, [...] porque resplandece com o seu sangue sagrado de precioso escarlate. Foi como vencedor que Ele recebeu a coroa, pois é normalmente ao vencedor que se entrega uma coroa. [...] A túnica vermelha é um símbolo da Igreja, que, permanecendo com Cristo Rei, brilha com glória régia; daí o título de «reino» que João lhe atribui no Apocalipse (1,6). [...] Com efeito, o tecido púrpura é uma coisa preciosa e própria da realeza. Embora seja um produto natural, a sua qualidade altera-se quando é mergulhado no banho de tingimento, e muda de aspeto; [...] não tendo valor por si mesmo, essa transformação torna-o precioso. O mesmo se passa conosco: sendo destituídos de valor por nós próprios, a graça transforma-nos e dá-nos valor, quando [no batismo] somos mergulhados por três vezes, como o tecido púrpura, no escarlate espiritual que é o mistério da Trindade. [...]

O manto vermelho é também símbolo da glória dos mártires, uma vez que, tingidos com o seu próprio sangue derramado, ornamentados com o sangue do martírio, brilham em Cristo como preciosa túnica escarlate. A Lei prescrevia que se oferecessem tecidos escarlate para ornamentar o tabernáculo de Deus (Ex 25,4); ora, os mártires são ornamentos da Igreja de Cristo. [...]

A coroa de espinhos que colocaram na cabeça do Senhor é o símbolo da nossa união, nós que, vindos das diferentes nações, chegamos à fé. Não éramos senão espinhos, isto é, pecadores; mas, acreditando em Cristo, tornamo-nos coroa de justiça, porque deixamos de ferir e picar o Salvador e coroamos a sua cabeça com a confissão da nossa fé. [...] Sim, antes éramos espinhos, mas [...] tornamo-nos pedras preciosas.

São Cromácio de Aquileia (?-407)

Sermão 19, 1-3; SC 164

3. Do batismo de Cristo ao nosso batismo

Que grande mistério foi o batismo de nosso Senhor e Salvador! O Pai faz-Se ouvir do alto do céu, o Filho foi visto na Terra, o Espírito Santo mostrou-Se na forma de uma pomba. Com efeito, não há verdadeiro batismo nem verdadeira remissão dos pecados onde não houver a verdade da Trindade.

[...] O batismo que a Igreja dá é único e verdadeiro; só se faz, portanto, uma vez, e ao sermos nele mergulhados uma só vez ficamos purificados e renovados. Purificados, porque deixamos a mancha dos pecados; renovados, porque ressuscitamos para uma vida nova depois de nos termos despido da vida velha do pecado. [...]

Portanto os céus abriram-se no batismo do Senhor, a fim de que, pelo banho do novo nascimento, descobríssemos que o reino do Céus está aberto aos crentes, segundo esta palavra do Senhor: «Ninguém, a menos que nasça da água e do Espírito, poderá entrar no Reino de Deus» (Jo 3,5). Entra, pois, aquele que renasce e que não negligencia a preservação do seu batismo. [...]

Uma vez que Nosso Senhor veio trazer o novo batismo para a salvação do gênero humano e a remissão de todos os pecados, Ele próprio quis ser o primeiro batizado, não para se despojar do pecado, pois não cometera pecado, mas para santificar as águas do batismo com o fim de destruir os pecados de todos os crentes renascidos pelo batismo.

São Cromácio de Aquileia (?-407)

Sermões sobre a Epifania, 34; CCL 9A, 156-157

4. «Assim deve brilhar a vossa luz diante dos homens»

O Senhor tinha chamado aos seus discípulos «sal da terra», porque eles despertariam, com o paladar da sabedoria celeste, os corações dos homens amortecidos pelo demónio. Agora chama-lhes «luz do mundo» porque, iluminados por Ele, que é a luz eterna e verdadeira, se tornarão, por sua vez, uma luz nas trevas (Jo 1,5). Porque Ele próprio é o «Sol da justiça» (Ml 3,20), pode também chamar aos seus discípulos «luz do mundo»; é através deles, como raios incandescentes, que o Senhor derrama a luz do conhecimento sobre a Terra inteira. Com efeito, eles expulsarão as trevas do erro para longe do coração dos homens, mostrando-lhes a luz da verdade.

Iluminados por eles, também nós, de trevas que éramos, nos tornámos luz, como diz S. Paulo: «Outrora éreis trevas; agora, no Senhor, tornastes-vos luz. Vivei como filhos da luz» (Ef 5,8). E também: «Não pertenceis à noite nem às trevas; sois filhos da luz, filhos do dia» (1Tes 5,5). S. João teve razão ao afirmar na sua carta: «Deus é luz»; aquele que permanece em Deus está na luz, tal como Ele mesmo está na luz (1Jo 1,5-7). Uma vez que temos a alegria de ter sido libertados das trevas do erro, devemos viver na luz e caminhar na luz, como verdadeiros filhos da luz.

São Cromácio de Aquileia (?-407), bispo

Homilias sobre S. Mateus

5. «Eis Qque renovo todas as coisas» (Ap 21,5)

O mundo inteiro, que celebra a vigília pascal durante toda esta noite, testemunha a grandeza e a solenidade da mesma. E com razão: nesta noite a morte foi vencida, a Vida está viva, Cristo ressuscitou dos mortos. Outrora, Moisés dissera ao povo, a propósito desta Vida: «Sentireis a vossa vida suspensa e tremereis noite e dia» (Dt 28,66). [...] Que aqui se trata de Cristo Senhor, é Ele próprio que no-lo mostra no Evangelho, quando diz: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14,6). Ele diz-Se o caminho, porque conduz ao Pai; a verdade, porque condena a mentira; e a vida, porque comanda a morte [...]: «Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?» (1Co 15,55) Porque a morte, que sempre fora vitoriosa, foi vencida pela morte d'Aquele que a venceu. A Vida aceitou morrer para desconcertar a morte. Da mesma forma que, ao nascer do dia, as trevas desaparecem, assim foi a morte aniquilada, quando se ergueu a Vida eterna. [...]

Eis, pois, o tempo pascal. Outrora, Moisés falou ao seu povo dizendo: «Este mês será para vós o primeiro dos meses; ele será para vós o primeiro dos meses do ano» (Ex 12,2). [...] O primeiro mês do ano não é, portanto, Janeiro, em que tudo está morto, mas o tempo pascal, em que tudo retorna à vida. Porque é agora que a erva dos prados, de certa forma, ressuscita da morte, é agora que há flores nas árvores e que as vinhas têm rebentos, é agora que o próprio ar parece feliz com o início dum novo ano. [...] Este tempo pascal é, assim, o primeiro mês, o tempo novo [...] e, também neste dia, o gênero humano é renovado. Pois hoje, no mundo inteiro, inumeráveis povos ressuscitam, pela água do batismo, para uma vida nova. [...] E nós, que acreditamos que o tempo pascal é, na verdade, o ano novo, devemos celebrar esse santo dia com toda a alegria e exultação e júbilo espiritual, para podermos dizer, verdadeiramente, este refrão do salmo: «Este é o dia da vitória do Senhor: cantemos e alegremo-nos nele!» (117,24)..

São Cromácio de Aquileia (?-407), bispo

Sermão 17, segundo para a Grande Noite

6. «Vós sois a luz do mundo»

Diz São João na sua epístola: «Deus é luz» (1Jo 1,5); aquele que permanece em Deus está na luz, como Ele próprio está na luz. Uma vez que temos a alegria de estar livres das trevas e do erro, devemos caminhar sempre na luz, como verdadeiros filhos da luz. [...] É por isso que o Apóstolo diz: «Brilhais como astros no mundo. Conservai a palavra da vida.» (Fl 2,15-16). Se não o fizermos, dir-se-á que, pela nossa infidelidade, para nossa desgraça e dos outros, obscurecemos e cobrimos com um véu uma luz tão necessária e benfazeja. [...]

Por isso, essa lâmpada brilhante que foi acesa para a nossa salvação deve luzir em nós sem parar. Com efeito, possuímos a luz da lei celeste e da graça espiritual sobre a qual David disse: «A Tua palavra é farol para os meus passos e luz para os meus caminhos» (Sl 118,105). [...] Não podemos, pois, esconder dos nossos olhos essa luz da lei e da fé, mas elevá-la na Igreja como um candelabro, para que gozemos realmente da luz da Verdade e para que todos os crentes sejam por ela iluminados.

São Cromácio de Aquileia (? – 407), Bispo

Tratado 5 sobre São Mateus, 1.3-4: CCL 9405-406.407

7. «Aquela foi uma noite de vigília para o Senhor, quando Ele os fez sair da terra do Egito» (Ex 12, 42)

Todas as vigílias que celebramos em honra do Senhor são agradáveis a Deus e aprovadas por Ele, mas esta vigília está acima de todas as outras. É por isso que esta noite tem, muito especialmente, o título de «Vigília do Senhor». Lemos, com efeito: «Esta noite do Senhor será de vigília para todos os filhos de Israel» (Ex 12, 42). Esta noite merece bem o seu nome porque o Senhor acordou vivo para que nós não ficássemos adormecidos na morte. Com efeito, Ele sofreu por nós o sono da morte, pelo mistério da Sua Paixão; mas esse sono do Senhor tornou-se a vigília do mundo inteiro, porque a morte de Cristo afastou para longe de nós o sono da morte eterna. Ele próprio o declara pelo profeta: «Então, despertei e reparei quão doce tinha sido o meu sono!» (Sl 3, 6; Jr 31, 26). Esse sono de Cristo, que nos chamou da amargura da morte para nos levar à doçura da vida, não pode ser senão doce.

Salomão escreveu: «Eu dormia, mas de coração desperto» (Ct 5, 2). Estas palavras manifestam com toda a evidência o mistério da divindade e da carne do Senhor. Ele dormiu segundo a carne, mas a Sua divindade estava desperta, pois a divindade não podia dormir [...]: «Pois não há de dormir nem dormir Aquele que guarda Israel» (Sl 120, 4) [...] Dormia, segundo a carne, mas a Sua divindade visitava os infernos para tirar de lá o homem que ali se encontrava cativo; o nosso Senhor e Salvador quis visitar todos os lugares para ter misericórdia para com todos. Desceu do céu à terra para visitar o mundo; desceu ainda da terra aos infernos para levar a luz àqueles que lá estavam cativos, segundo a palavra do profeta: «habitavam numa terra de sombras, mas uma luz brilhou sobre eles» (Is 9, 1).

É por isso que os anjos do céu, os homens, na terra, e as almas dos fiéis, na morada dos mortos, celebram essa vigília do Senhor. [...] Se o arrependimento de um só pecador, como lemos no Evangelho, é causa de alegria para os anjos do céu (Lc 15, 7.10), quanto mais a redenção do mundo inteiro? [...] Esta vigília não é, portanto, uma festa apenas para os homens e para os anjos, mas também para o Pai, o Filho e o Espírito Santo, porque a salvação do mundo é a alegria da Trindade.

São Cromácio de Aquileia (?-407), bispo

*1º Sermão para a Grande Noite Pascal (a partir da trad. SC 154, pp.
260ss. rev.)*

8. «A semente lançada à terra dá muito fruto» (Jo 12, 24)

O Senhor comparou-Se a Si mesmo a um grão de mostarda: ainda que fosse o Deus da glória e da majestade eterna, tornou-Se muito pequeno, porque quis nascer de uma virgem com um corpo de criança pequena. Foi lançado à terra quando o Seu corpo foi posto no túmulo. Mas, depois de Se ter elevado de entre os mortos pela Sua gloriosa ressurreição, cresceu sobre a terra até Se tornar uma árvore em cujos ramos habitam os pássaros do céu.

Esta árvore significa a Igreja que a morte de Cristo ressuscitou na glória. Os seus ramos só se podem entender como sendo os apóstolos porque, tal como os ramos são o ornamento natural da árvore, assim os apóstolos são o ornamento da Igreja de Cristo pela beleza da graça que receberam. E diz-se que nestes ramos habitam os pássaros do céu. Alegoricamente, os pássaros do céu designam-nos a nós que, vindo à Igreja de Cristo, descansamos sobre o ensino dos apóstolos, como os pássaros sobre os ramos.

São Cromácio de Aquiléia (? – 407), bispo Sermão 30, 2 (a partir da trad. SC 164, p.137) Fonte: ecclesia.org.br